



O ÚLTIMO AINDA NÃO APAGOU A LUZ

Já lhe chamaram a Broadway à portuguesa. Agora é parque de estacionamento e armazém de teatros quase abandonados. José Cardoso Pires recorda como era o Parque Mayer há muitos anos, António Tavares-Teles entrevista um dos resistentes e dá conta das promessas para o futuro. Se o Parque se transforma num bloco de apartamentos e escritórios, ou volta a ser um pouco do que era, isso logo se vê.

FOTOGRAFIAS DE ALEXANDRE ALMEIDA E PEDRO LOUREIRO

Aldeia de máscaras, pavilhão de espelhos

Já esteve cheio de gente. Actores, encenadores, bailarinas, cenógrafos, bouxeurs e muito, muito, público. Mas isso era dantes.

JOSÉ CARDOSO PIRES

O meu primeiro espectáculo nocturno foi um filme de Verão, à luz das estrelas, numa esplanada em pleno Parque Eduardo VII que dava pelo nome de Ilha Flutuante Nº 1. E o mais estranho é que nunca mais tornei a ouvir falar daquele ecrã ao luar num lago artificial da minha cidade de todos os dias como uma vela de galeão sem bandeira.

Anos depois, tive a primeira *soirée* de teatro da minha vida na descoberta da Beatriz Costa em salaia da Malveira a fazer o elogio dum burro que ela passeava pelo palco do Teatro Variedades. Ali a música era outra e – ó infância, ó memória! – vinha recheada de malandrices campestres para entreter o cidadão:

*Vem cá, meu estapor,
tu tens más valor
que munto d'ótor casmurro...*

Foi, portanto, recebido por Beatriz Costa com um burro pela arreata, que eu fiz a minha entrada no Parque Mayer com música de revista e em moldura de coristas à perna nua. Junto daquela sabida de botinas e saia rodada estavam a Hermínia Silva em fado de arrepio e o incomparável António Silva a fazer vénias ao público.

Fiquei cliente, já se deixa ver. Daí a anos e pela vida fora, aquela ilha de humores à portuguesa e de devassidões bem comportadas sem-

pre me pareceu uma pátria de valdevinos ingénuos, uma comunidade de artistas e sonhadores irremediavelmente lisboetas por trás de cartazes e alaridos da *dolce vita*. Aldeia de máscaras, pavilhão de espelhos em humor brando, era o que o Parque me lembrava.

No tempo em que eu lá ia almoçar ao Chico Carreira punha-me a olhar o terreno vazio que se abria diante daquele restaurante e recordava as noites do boxe mafioso com que a Sala Central de Desportos, em roupão de cetim e pancadas de gongue, estremecia meia Lisboa. Testillanos contra Figueiredo, dez assaltos para o título da Eternidade, Ben Molin – Rebordão, Rocha versus Guedes Luvas de Ouro: o Madison Square cá do Parque era uma arena de

leões a preço módico e cheios de complexos de cristandade.

Anos mais tarde, olhando do restaurante aquele espaço abandonado, Chico Carreira, gordo e enorme, sempre de negro e de chapéu à mazantini, sonhava não com fantasias de *rounds and punches* mas com Lolás e faenas de matadores em Sevilha. Touros e *fiestas de gracia* é que preenchiam o horizonte da vida dele por cima do cozido à portuguesa e das cabeças de peixe que fumegavam nas mesas dos clientes.

Ali perto, no café ao lado do Capitólio, estaria, se ainda fosse vivo naquela altura, o Stuart de Carvalhais a desenhar caricaturas de actores ou cartazes de revistas com aquela mão feliz



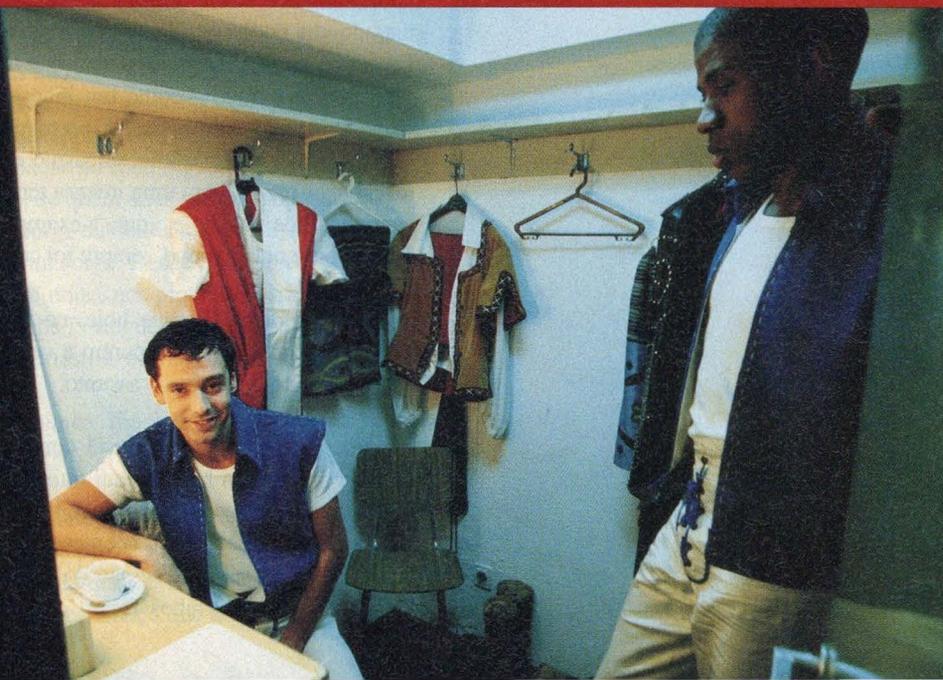


Ilha de humores à portuguesa e de devassidões bem comportadas, uma pátria de valdevinos ingênuos, uma comunidade de artistas e sonhadores irremediavelmente lisboetas por trás de cartazes e alaridos

que Deus lhe dava entre o bagaço e o anoitecer. Talvez até o Almada Negreiros e o Carlos Botelho se viessem sentar depois à mesa dele, porque não? Todos desenhavam nos jornais e todos, à sua maneira, tinham colaborado na revista à portuguesa.

Outros artistas à margem do Parque Mayer podiam perfeitamente juntar-se a eles porque, saído da *Travessa da Espera*, que esteve em cena no Teatro Maria Vitória durante meses e meses, não tardaria a surgir num salto de magia o bailarino Francis Graça a dançar um fado, salvo erro, de Frederico de Freitas que a orquestra estava a ensaiar lá dentro. Em passos soltos, movimentos desenhados, perder-se-ia por desvios e travessas daquele território de teatros numa das suas coreografias da revista à portuguesa.

No variedades, por baixo do cartaz *Maldita Cocaína/Tangos de Morte*, estariam Amarante e Ângela Pinto a lançar-lhe um cumprimento. Um pouco adiante, no cotovelo onde viria a ser mais tarde o Teatro ABC, Raul Solnado bateria palmas ao vê-lo passar e Francisco Nicholson perguntaria que ave era aquela, tão na luz e tão no vento. Adiante, adiante. Nesse bailado pelo Parque, Francis em voo de Verde Gaio poderia ter encontrado o *compère* Carlos Leal, que Deus tinha há muito em descanso, na es- >>



Parque Mayer

» planada do Júlio das Miombas a tomar uma ginjinha para a sossega. Depois, se metesse à ruazinha do restaurante da Mimi, talvez lá descobrisse o baiano Jorge Amado a declamar elogios de catálogo à *Lisboa, Tejo e Tudo* e, logo a seguir, Mário Alberto de braço dado com Pinto de Campos. Deste modo, a passo, lançamento e contrapasso, Francis iria dar, não tardaria muito, ao largo das barraquinhas de tiro no limite mais desolado do Parque Mayer. Mas aí parou, perdeu a música.

Seria meio-dia e, a toda a volta, as moças de serviço almoçavam qualquer coisa de desencanto dobradas sobre o balcão. Algumas embalavam um filho ao colo enquanto comiam, mas logo que vissem aproximar-se o bailarino, logo que dessem por mim ou por qualquer curioso em trânsito, levantariam os olhos do prato e, de espingarda em-

punhada, gritariam num coro de madonas do Western:

“Cavalheiro, vai um tirinho?”

O Parque Mayer, essa ilha de artes nocturnas, tinha para mim duas estações adjacentes: a Cervejaria Ribadouro, a Academia do Tremço onde os cineastas dos anos 60 se discutiam até às tantas entre o *Belarmino* e *Os Verdes Anos*, e A Cova do Galo que era o prefácio de dança à enciclopédia dos lençóis servido pelo Eugénio Pepe e o Seu Conjunto.

Mas a essa hora, no Parque, já só o Canto dos Artistas teria alguma vida, com os indomáveis do costume a praticarem boleros e outros discursos corporais. De resto, tudo frio, tudo deserto. Teatros nas trevas, a antemanhã. No terreiro onde noutros tempos brilharam *bo-xeurs* de luvas de ouro vagueava agora uma sombra, sombra saudosa de Belarmino. ■

Ali perto, no café ao lado do Capitólio, estaria, se ainda fosse vivo naquela altura, o Stuart de Carvalhais a desenhar caricaturas de actores ou cartazes de revistas com aquela mão feliz que Deus lhe dava entre o bagaço e o anoitecer

